

# SPINOZA E AS CAUSAS ADEQUADAS E INADEQUADAS: UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO SPINOZISTA

ROBERTO LEON PONCZEK \*

## O PARALELISMO ENTRE CORPO E MENTE

**I**nciaremos este pequeno ensaio revendo três definições da Ética III referentes à paixão, ação, causa adequada e inadequada e duas proposições decorrentes:

Chamo causa adequada aquela cujo efeito pode ser clara e distintamente percebido por ela mesma. Chamo de causa inadequada ou parcial, por outro lado, aquela cujo efeito não pode ser compreendido por ela só. (Spinoza, E III, def. 1, 2007, p.163).

Digo que agimos quando em nós, ou fora de nós, sucede algo de que somos a causa adequada, [...] Digo, ao contrário, que padecemos quando, em nós, sucede algo, ou quando de nossa natureza se sucede algo de que não somos senão a causa parcial. (EIII, def. 2).

Por afeto entendo as afecções do corpo pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as idéias dessas afecções. Explicação: **Assim, quando podemos ser a causa adequada de alguma dessas afecções, por afeto compreendo, então, uma ação; em caso contrário, uma paixão.** (EIII, def. 3, grifo meu).

As ações da mente provêm exclusivamente das idéias adequadas, enquanto as paixões dependem exclusivamente das idéias inadequadas (EIII, prop. 3, p. 173).

A finitude do corpo humano impede que este possa atuar, ou ser afetado, por todos os corpos do mundo. No entanto, como *a mente não conhece a si mesma senão enquanto percebe as idéias das afecções do corpo* (EII, prop.23) nem sempre ela poderá ter idéias claras das afecções de seu corpo, já outras vezes a mente tem idéias

alem do que o corpo pode alcançar, ou seja, sem referência ao corpo. Ora, segundo o paralelismo “*ordo et conexio*” entre corpo e mente da metafísica spinoziana, expresso pela EII prop.7 (*A ordem e a conexão das idéias é a mesma que a ordem e conexão das coisas*), sob o atributo do pensamento existem idéias que devem ser paralelas e isomórficas às afecções do corpo, sejam elas adequadas ou não. Desta forma, se faltar um elo na cadeia das afecções corpóreas, enquanto causas adequadas, romper-se-á necessariamente a cadeia de idéias lógicas. Isto implicará, ora em desconhecimento das causas das afecções, ora em vontades (ideias) mirabolantes muito além das condições materiais que o corpo finito pode alcançar, instalando-se em seu lugar, em ambos os casos, uma paixão na mente. As paixões surgem para preencher o vazio da mente quando um dos elos da cadeia paralela for rompido. Dito de outra forma: as paixões se instalam na mente de duas formas:

a) toda vez que a mente (que só pode conhecer o mundo, e a si própria, através do corpo) não tiver um conhecimento das causas e efeitos de uma afecção corpórea.

b) toda vez que a mente se sobrepuja ao corpo demandando-lhe vontades que este não poderá satisfazer. Desta feita, é uma vontade excessiva da mente que demanda ao corpo humano finito que produza fatos inatingíveis<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Em ambas as situações, a mente só pode conhecer-se a si mesma e o corpo através das afecções deste, portanto, se o corpo não pode afetar, nem ser afetado, por um corpo externo, a mente não poderá conhecê-lo, nem conhecer-se a si própria, como expresso por duas proposições da E II:

A mente humana não conhece o próprio corpo humano e não sabe que ele existe senão por meio das ideias das afecções pelas quais o corpo é afetado. (EII, prop. 19, p. 113).

A mente não conhece a si mesma senão enquanto percebe as idéias das afecções do corpo. (E II, prop. 23, p. 117).

\* Prof. Dr. Visitante no Departamento de Física da UEFS.

Recorrendo-se ao paralelismo entre corpo e mente, a finitude do corpo humano frente à infinitude do universo faz com que o corpo não possa ser a causa eficiente de todos os acontecimentos do universo, e, portanto, apenas uma causa parcial de suas afecções. (vide figura 1).

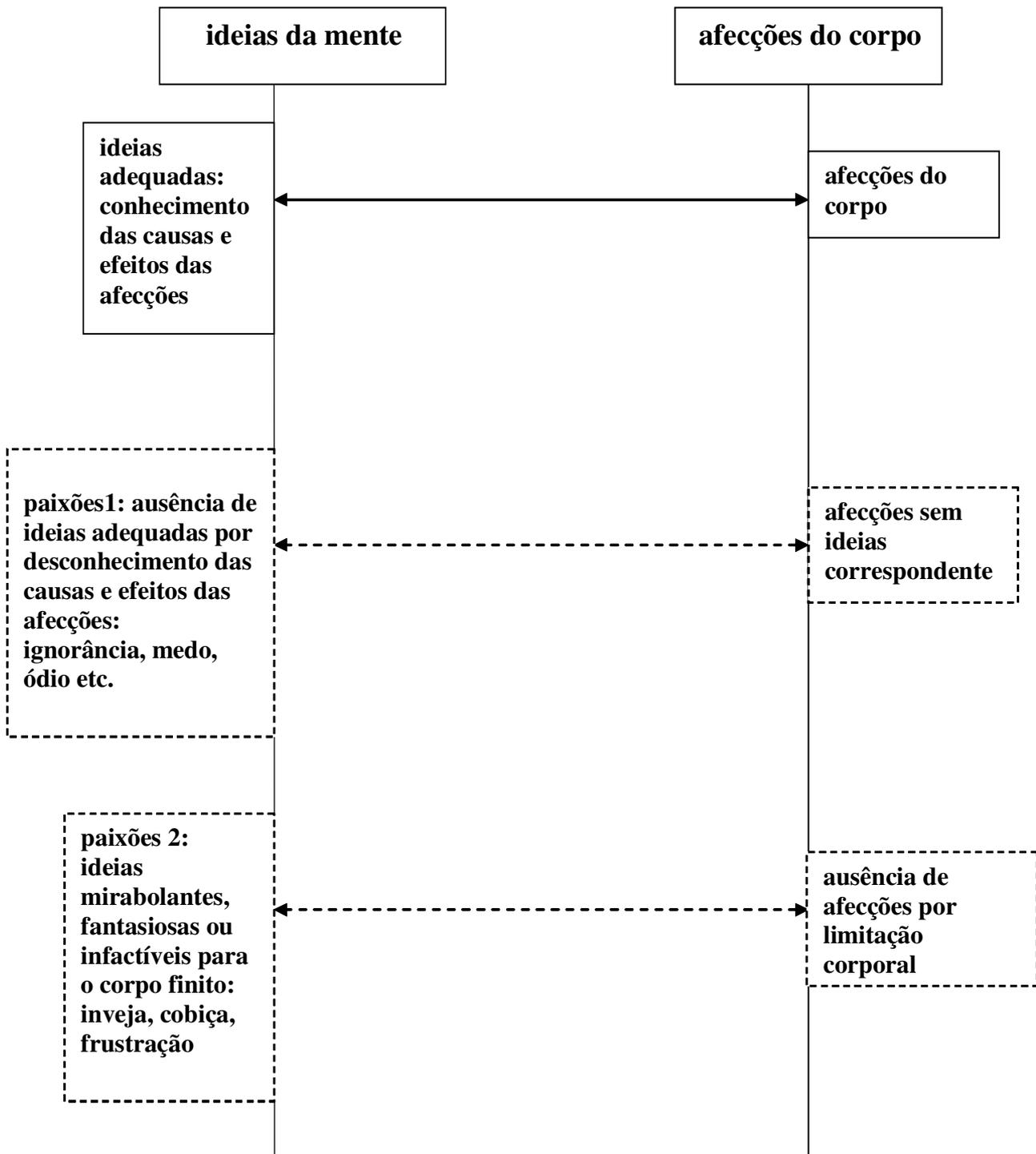


Fig 1: O paralelismo entre corpo e mente expresso pelo *ordo et conexio*: as ideias adequadas estão associadas às afecções corpóreas com conhecimento de suas causas e efeitos. As paixões do **tipo 1** decorrem da ignorância das causas e efeitos das afecções e as paixões do **tipo 2** decorrem de ideias mirabolantes ou fantasiosas que o corpo finito não é, nem poderá ser, afetado.

**VONTADE E ONIPOTÊNCIA**

O único estado dinâmico da matéria, que não depende de nenhum outro corpo, é a inércia. Portanto, qualquer movimento de mudança do corpo humano (até os atos mais prosaicos do cotidiano, como caminhar, levantar-se, ir à rua) depende de uma miríade de outros corpos cujos efeitos quase nunca podem ser determinados com precisão. Assim, um corpo finito não pode ser a única causa de suas ações. Que sentido tem, portanto, a explicação da definição 3 da EIII?

Quando, por conseguinte, podemos ser a causa adequada de uma dessas afecções, por afecção entendo uma ação; nos outros casos uma paixão. (id, ibid).

Poder-se-ia então concluir que as paixões estariam sempre presentes nos atos da vontade? Mudar o mundo, segundo a vontade (segundo Spinoza, a vontade não seria mais que uma ideia, podendo, ou não, levar a uma ação do corpo), implica no surgimento de paixões, toda vez que não exista um conhecimento das causas e do efeito da afecção do corpo. Mas, como vimos, a finitude do corpo e a infinitude de uma rede complexa de causas fazem com que seja impossível a existência de causas exclusivamente originadas a partir de nosso corpo finito. O conceito de causa adequada parece-me assim uma idealização válida apenas para corpos (modos de extensão) infinitos porque somente estes podem conter todas as causas eficientes. Ou seja, somente Deus, que é *causa sui*, e que tem infinitos atributos infinitos, e dentre eles a extensão infinita e o pensamento infinito, está imune às paixões.

Concluimos assim que a paixão é uma condição inexorável da finitude do duplo modo humano de pensar e agir que quer conhecer ou mudar os demais. Restam assim duas possibilidades para mitigar as paixões e o sofrimento humanos: abster-nos completamente de qualquer vontade, e assim viver em estado de inércia, pois que não seremos causa de nada, e nada nos afetará (muitos burocratas e normóticos vivem nesse estado de letargia); ou aceitar modestamente **que não temos um corpo que pode ser causa adequada, senão para algumas ações limitadas no espaço e no tempo, restritas até o ponto em que estas possam ser mais**

**intensas que as ações dos demais corpos.**

Isso implicará agir com modéstia sobre os corpos mais próximos, e sobre os quais temos uma relativa autonomia de ação. O exemplo a seguir visa o esclarecimento dessa ideia.

Consideremos os seguintes desejos ou vontades:

a) caminhar até a sala de aula, e dar uma boa aula de Física.

b) fazer com que os aprendizes aprendam Física.

c) querer que os alunos sejam capazes de entender os mais complexos problemas da Física.

Analise agora as paixões associadas a essas vontades:

a) Até o momento em que não há um terremoto ou uma bala perdida, posso caminhar até a sala de aula sem sofrimentos, por serem as minhas pernas e minhas anotações as causas de minha boa aula. Assim, raramente sofrerei por esta modesta vontade que depende quase que exclusivamente de mim.

b) Posso descrever minuciosamente ao aprendiz o que é a Física, pois meu corpo é suficiente para isto, sendo a única causa da ação; mas começarei a sofrer a partir do momento em que a vontade de fazer o aluno aprender chocar-se com a sua ausência de vontade ou incapacidade de entendimento. Portanto, o melhor que posso fazer é dar-lhe a melhor explicação que me for possível, sem, contudo, nada esperar em retribuição.

c) Sofrerei sempre por esta vontade onipotente, pois sua realização depende muito pouco de mim (não sou a causa adequada). Portanto, é melhor esquecer qualquer pretensão em converter alunos em gênios da Física.

Vimos, assim, nos exemplos acima que, apesar de não existir uma causa absolutamente adequada, existe uma graduação contínua de causas mais adequadas (o caminhar até a sala que depende quase que exclusivamente de mim) até às mais inadequadas (transformar os aprendizes em gênios).

As paixões resultariam assim de uma vontade superdimensionada de querer além do alcance das ações que são naturalmente limitadas pela finitude de nosso corpo.

Elas são produzidas em mão e contramão: da mente ao corpo e do corpo à mente. Surgem como carência de conhecimento ou excesso de vontade. São, assim, ora a consequência da ignorância das causas e efeitos de uma afecção, e, ora, de uma vontade de potência instalada na mente cuja finitude do corpo, e o alcance limitado de suas ações, não permitem.

### **MEDO E ÓDIO**

A metafísica spinoziana é particularmente feliz para o entendimento do medo, seguramente a mais renitente das paixões humanas. Quando não soubermos a gênese de certa afecção corpórea, esta nos atemorizará. Do momento em que a afecção for conhecida por suas causas, o medo desaparecerá, ou pelo menos será bastante mitigado. A escuridão física é uma das fontes do medo, pois o corpo não pode ver o que o cerca, o que leva à escuridão mental. A luz subitamente restitui a visão, e com ela ilumina-se a mente com a claridade do conhecimento. Certamente as bruxas, duendes e os bichos-papões, que atemorizavam a nossa infância, as baratas que atormentavam Kafka, e muitas mulheres, além de muito de nossos demônios, são as ideias inadequadas a que se refere Spinoza.

Outra paixão igualmente permanente e intensa na história da humanidade é o ódio, da qual resultam as várias formas de racismo, como o antissemitismo, a homofobia ou o ódio aos negros. Todas essas afecções podem também ser muito bem entendidas a partir da concepção spinoziana das paixões. São certamente produtos da ignorância acerca daqueles que são odiados. O ignorante odeia o diferente porque o desconhece, imerso que está em sua escuridão mental. E a ausência de uma ideia adequada acerca do ser odiado é preenchida, na mente, por uma paixão: o ódio.

Dos exemplos dados acima, acredito que a lição mais relevante a extrair da filosofia das paixões é que elas resultam, ora da ignorância mútua entre indivíduos, ora de uma expectativa superdimensionada de mudança que uns querem impor a outros. Ambas têm em comum um momentâneo rompimento da cadeia de causas e ideias adequadas, instalando-se, em seu lugar, ideias inadequadas.

### **MESTRES E APRENDIZES**

Com relação a mestres e aprendizes, vimos, nos exemplos acima, que os primeiros imaginam que, com sua ação em sala de aula, podem conseguir o conhecimento dos segundos, e estes, por sua vez, imaginam também poderem ser modificados em seus estados iniciais de desconhecimento rumo ao conhecimento, por uma simples ação dos primeiros. Desta forma, de parte a parte, resultam vontades (pretensões) que serão associadas a causas francamente inadequadas, no sentido spinoziano, isto é aquelas que não se associam às motivações internas da mente nem de ações que o corpo pode executar. Assim, se a motivação do mestre volta-se exclusivamente para o resultado pedagógico de seus discípulos, ele fatalmente se frustrará (padecerá de paixões e sofrerá), pois jamais poderá ser causa exclusiva, ou até mesmo preponderante, dos efeitos resultantes. Reciprocamente, os aprendizes que imaginam poderem ser modificados pela ação do mestre, já estarão *a priori* imersos num campo de causas inadequadas, isto é, aquelas que dependem fortemente de fatores alheios, com efeitos imprevisíveis, os quais, segundo Spinoza, são as causas de paixões e sofrimento. Assim, mestre e seus aprendizes não estarão voltados sobre si, buscando internamente os motivos de suas ações, e se mirarão em espelhos que refletem imagens externas e ilusórias... É necessário, pois, que tenham, todos, consciência (conhecimento) da finitude de suas existências, de seus corpos, bem como de suas ações.

### **SEGUINDO AS LEIS DE NOSSA NATUREZA**

Para Spinoza, como vimos, as paixões ou padecimentos irrompem na mente, ora porque raramente podemos ser a causa única e completa (adequada) de nossas ações, ora pelo desconhecimento das causas e efeitos das afecções de nosso corpo. Enquanto o homem “seguir a sua própria natureza” aceitará a finitude de sua existência e de seu raio de ação, e saberá que os demais modos, assim como ele próprio, são manifestações de uma natureza infinita, causa de si própria. Por outro lado, se ele imaginar que todos os demais modos não sejam nada senão efeitos de si próprio, então padecerá de paixões tão mais intensas quanto forem as ideias

(inadequadas) associadas a esses corpos externos que visa onipotentemente modificar. Na *Ética* III, Spinoza define um grande número de paixões humanas, podendo ser elas reduzidas à tristeza, medo e ódio, que diminuem o *conatus*, e à alegria e ao amor, que o aumentam. Enquanto a alegria aumenta a potência do corpo humano de atuar sobre os demais, ampliando a potência da mente de poder pensar, a tristeza a diminui, parecendo à mente que seu corpo está separado da natureza. Desta forma, a mente padecerá porque as paixões serão a consequência de uma ideia persistente de se estar apartado do restante da natureza:

[...] diz-se que padecemos quando algo surge em nós de que não somos senão causa parcial, isto é, algo que não pode ser deduzido exclusivamente das **leis de nossa natureza**. (Ibid., EIV, demonstração da proposição II, p. 273, grifo meu).

Pelo contrário, seguir “as leis de nossa natureza” é entender (aceitar) que não podemos querer atuar sem limites, pois, como já se viu suficientemente, a finitude humana impede que sejamos sempre a única causa dos efeitos que nos cercam.

A aceitação da finitude do modo humano com o conseqüente reconhecimento da limitação de suas ações em contraposição ao vislumbre de uma realidade infinita, que se produz a si mesma, já é suficiente para mitigar o sofrimento da mente, que é condição inexorável de sua finitude. Sofremos (padecemos de paixões) porque somos finitos e a finitude é a mãe do tempo, este é o pai da morte, enquanto apenas o infinito é eterno. A contemplação de uma estrutura infinita se parece muito com a audição de uma sinfonia cósmica, e nessa obra cosmomusical temos a humilde tarefa de violinistas executando uma pequena parte dela. As paixões da mente vêm da impossibilidade de audição de toda a sinfonia, e assim a pequena parte que tocamos, parece-nos desconectada ou isolada das demais. Resta-nos, todavia, a possibilidade de olhar para o infinito, pois quanto para mais longe olharmos menos sofreremos... e melhor entenderemos a nossa própria natureza finita como parte da Natureza infinita.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SPINOZA, B., **Ética**. Trad. Tomaz Tadeu, B. Horizonte: Autêntica Editora, 2007.

